

THEOPHILE GAUTIER



AVATAR

VIRTUAL BOOKS

AVATAR

Theophile Gautier

AVATAR

Theophile Gautier

NINGUEM podia compreender qual a doença que ia consumindo lentamente Otávio de Saville. Não se encontrava acamado, conduzia vida regular, nunca um lamento lhe saiu dos lábios; entretanto, definhava a olhos vistos. Examinado pelos médicos, que a solicitude dos parentes o obrigavam a consultar, não acusava nenhum sofrimento determinado, e a ciência não descobria sintoma algum grave. Mas a vida afastava-se dele, fugindo por umas dessas frestas invisíveis, de que, segundo Terêncio, o homem está repleto.

As vezes, uma singular síncope o tornava branco e frio qual mármore. Durante um minuto ou dois, passava por morto, mas logo se reanimava, e Otávio parecia estar despertando de um pesadelo. Fizera uma estação de águas, viajara, mas nem mesmo sob o belo sol de Nápoles obtivera melhores resultados, pois, onde os "lazzaroni" seminus se bronzeavam, Otávio sentira-se gelar.

Voltara, portanto, ao seu apartamento da Rua São Lázaro, e retomara, aparentemente, seus velhos hábitos. Aquele apartamento de solteiro, mobiliado com elegância, com todo conforto, parecia sofrer a influência e o pensamento de quem ali habitava, pois também era triste, apesar do luxo

que nele reinava.

João, o velho servo de Otávio, qual uma sombra, na ponta dos pés, porque, impressionado pela melancolia do patrão, perdera sua habitual loquacidade. Estatuetas, troféus de caça, máscaras artísticas. armas, pendiam das paredes. Uma carta mal começada. livros abertos, permaneciam pelas mesas. Embora habitado. o apartamento parecia deserto. A vida estava ausente dali e os raros visitantes tinham a impressão de receber no rosto um sopro de ar gélido, do que sai das sepulturas quando se abrem.

Nessa lúgubre morada, onde jamais uma mulher jovem pusera pé, Otávio se encontrava mais à vontade do que em qualquer outra parte: o silêncio, o abandono, a tristeza, convinham-lhe. Fugia ao tumultuar das festas, cessara de lutar contra aquela misteriosa dor e deixara o tempo correr, entregando a Deus a solução do seu caso.

Todavia, antes de assim enlanguescer, Otávio tinha sido o que se chama um belo rapaz: espessos cabelos negros, crespos e brilhantes nas têmporas, olhos longos e aveludados, de azul profundo, encimados por sobrance-lhas recurvas, davam a impressão de pertencerem a algum oriental; tez olivastrea, mãos finas e delicadas, pés pequenos e arqueados. Trajava-se bem, sabia explorar seus dotes naturais, e recepções.

E por que esse moço, belo e rico, tendo tudo para ser feliz, ia definhando lentamente? Porque os médicos não atinavam a causa de sua moléstia, porque a alma não fora ainda seccionada. nos laboratórios anatômicos de Paris. Estava nesse ponto, quando resolveu procurar um médico famoso, recém-chegado das índias, gozando da fama de operar curas. miraculosas. Otávio, porém, parecia temer esse encontro com o doutor Baltasar Cherbonneau, que

sua mãe, tão aflita, lhe recomendara.

Quando o médico chegou, o jovem estava estendido no divã, debaixo de um cobertor, tendo ao lado a mesinha repleta de vidros de remédios. Não fora pela sua palidez e a atonia profunda do olhar, seu aspecto seria de uma pessoa sadia.

Embora já indiferente a tudo, a presença do médico o chocou. Baltasar Cherbonneau dava a impressão de uma figura fugida de um conto fantástico de Hoffmann. Rosto bastante escuro, que terminava, ao alto, num crânio enorme, cuja calvície tornava ainda mais vasto, liso e brilhante como marfim.

Os raros cabelos, grisalhos, estavam ajeitados em mechas, junto às orelhas e na nuca. Porém o que mais atraía a atenção eram seus olhos. Naquele rosto magro e ossudo, pele de pergaminho, onde a ciência havia impresso sua marca, eles resplendiam. como duas estrelas azuis, límpidos, frescos, cheios de mocidade. Seu traje era

passava por dandy ou gentleman rider. O mais clássico dos médicos: casaco comprido, calças negras, camisa branca, ande, no peitilho, reluzia um enorme diamante. Sua magreza era impressionante, dando-lhe um aspecto de um faquir, ossudo, comprido.

- Então, meu senhor? - disse o médico, após um agencio, que lhe serviu para uma rápida inspeção - já vi que o senhor não é um caso de patologia vulgar, não tem nenhuma dessas moléstias que os médicos curam ou pioram e, depois de examiná-lo, fique certo de que não lhe darei nenhum papel rabiscado, desses que os farmacêuticos tanto gostam de aviar.

Otávio sorriu debilmente, mas o médico prosseguiu:

- Dê-me a mão.

Quando Cherbonneau tomou nas suas mãos ossudas, que pareciam garras, a mão delicada e úmida do moço, este sentiu uma ansiosa emoção, pois lhe parecia que o outro lhe arrancasse a alma, com aquela pressão.

- Meu caro senhor, - sentenciou o médico, abando, dando a mão do jovem - suas condições são muito mais graves do que está pensando, e a ciência, ao menos a européia, nada pode fazer. O senhor não possui mais vontade de viver, sua alma se destaca lentamente do corpo. Caso raro e curioso: se eu não me opuser, o senhor acabará morrendo, sem qualquer lesão interna ou externa. Fez bem em chamar-me, porque o espírito está preso à matéria por um fio. Mas, saberemos dar-lhe um belo nó.

E o médico esfregou alegremente as mãos, com um grotesco sorriso.

- Senhor Cherbonneau, não sei se irá curar-me, nem tenho desejo que assim o faça, mas devo confessar que de relance a causa do misterioso estado em que me encontro. A vida para mim não passa de uma pantomima, que eu represento ainda para não afligir mais minha Pobre mãe, pois já me sinto fora da esfera humana.

- O senhor está com uma impossibilidade de viver. Que dor lhe dilacera o fígado? De que alta ambição tombou? É muito moço para essas coisas... Alguma mulher o enganou? Love's labours lost, que quer dizer, se me não engano, penas de amor perdidas...

Precisamente... - e Otávio empalideceu. ao ralar. - Mas.

não espere nada de romanesco, doutor, é uma aventura comum, tão vulgar, que até sinto acanhamento em confessar a um homem tão viajado e vivido... Pois bem, doutor, eu estou morrendo de amor...

"Encontrava-me em Florença, em 184... em fins do verão, a melhor estação para se ver Florença. Eu possuía tempo, dinheiro, boas cartas de recomendação, e era um rapaz bem humorado, que desejava divertir-se. Visitei todos os museus e pontos pitorescos da cidade, diverti-me a valer, passei um mês dos mais felizes de minha vida, mas minha ventura não podia durar.

Um dia, uma rica e nobre carruagem passou por mim. Era uma caleça aberta, com criados de libré e brasão impresso aos lados. Nela estava uma dama trajada de verde, mas de um verde prateado, uma loura esplendorosa, dessas cuja beleza é até um insulto, tanto estava segura de si.

Seu rosto tinha, como auréola, um chapeuzinho da mais fina palha florentina e a sua única jóia era um bracelete de ouro, marchetado de turquesas. Testa cândida e pura, cílios que lembravam miniaturas medievais, boca divinal, e seus olhos azuis tinham estranhas mutações. Tudo nela me encantou, fazendo-me esquecer os amores passados. Uma nova vida começou para mim, depois daquele fatal encontro.

"Soube, mais tarde, que era a condessa Prascóvia Labinski, lituana de ilustre linhagem, riquíssima, cujo marido fazia dois anos que combatia no Cáucaso. Graças a minhas influências, consegui ser recebido por ela, e, se sua maravilhosa beleza me encantara, mais ainda me seduziu seu espírito.

Não lhe confessei meu amor, pois em sua presença eu ficava inibido até de pensar. Vinte vezes tomei essa resolução,

porém, uma incrível timidez me impedia as palavras. Saía de sua casa, murmurando-lhe o nome, baixinho, e experimentava um singular prazer em pronunciar-lhe as sílabas repetidamente.

E traçava aquele nome adorado em tudo quanto era papel que me surgisse à frente. Deixei de ler, de escrever, de ir a festas, não mais me importavam as cartas que recebia de França. Contentava-me em amar, sem nada pedir, sem a menor sombra de esperança, pois a virtude da condessa era inatacável.

“Um dia, porém, não mais podendo conter o desejo de rever a minha visita habitual. Encontrei-a a sós, reclinada no canapé. Nunca me pareceu tão linda como naquele langoroso abandono.

Acenou-me uma poltrona a seu lado. Sentei-me, e reinou entre nós, por alguns momentos, um desses silêncios que se tornam tão penosos em certas circunstâncias. Meu cérebro estava em chamas, ondas de fogo me subiam do coração à boca e meu amor me gritava: “Não perca esta suprema ocasião!” Não sei que teria dito, quando a condessa, talvez adivinhando a causa de minha perturbação, estendeu para mim sua linda mão, como para fechar-me a boca, e disse:

“- Não diga uma palavra, Otávio. O senhor me ama, sinto-o, mas não o culpo, porque o amor é involuntário. Outras mulheres, mais severas, poderiam ofender-se, mas eu o lamento, porque não posso corresponder-lhe, e dói-me vê-lo sofrer. Amaldiçôo o capricho que me fez vir para cá. Pensei, a princípio, que minha indiferença poderia fazê-lo desistir, mas o verdadeiro amor não recua nunca. Eu devo, porém, proteger meu nome e do meu marido, o conde Labinski, a quem adoro, e que é louco por mim.

“Uma torrente de lágrimas brotou-me dos olhos, ante essa

declaração, tão franca, nobre e leal. Prascóvia, como-vida, passou o lenço pelos meus olhos.

“- Não chore, está proibido de chorar. Faça de conta que morri, viaje, pratique o bem, viva, console-se na arte, em outro amor... Pode continuar a visitar-me, que será sempre bem recebido, mas creio que será melhor afastar-se de mim, a distância deve ser o remédio mais adequado. Penso que, daqui a dois anos... poderemos encontrar-nos sem perigo.

“No dia seguinte, deixei Florença, mas nem as viagens nem o estudo e tampouco o tempo tiveram a força de diminuir-me os sofrimentos, e sinto-me morrer. Não mo impeça, doutor!

- Nunca mais viu a condessa? - perguntou o médico, cujos olhos brilhavam singularmente.

- Não, mas ela se encontra aqui, em Paris...

E, ao responder, apresentou um cartão de visita, onde se lia: “A condessa Prascóvia Labinski recebe às quintas-feiras”.

Dois anos haviam transcorrido desde que a condessa Labinski sustara nos lábios de Otávio a declaração de amor que ela não devia ouvir. O rapaz, caído do alto de seu sonho de amor, afastara-se, levando consigo a devoradora mágoa, e nunca mais dera notícias de si a Prascóvia. Mais de uma vez, porém, a condessa pensara, com tristeza, em seu pobre admirador. Tê-la-ia esquecido? Sua alma bem formada sofria em pensar que alguém era infeliz por sua causa.

Prascóvia e Olaf amavam-se desde a infância e, ao voltar ele da guerra, o amor entre ambos aumentara. Nada po-

deria perturbar sua felicidade. O conde era esbelto, elegante, e, sob uma aparência delicada, ocultava músculos de aço. Sua presença, em grande uniforme, nas festas, provocava a inveja dos homens e a admiração das mulheres. Era realmente um rival contra quem nada poderia fazer Otávio de Saville. Desde sua chegada a Paris, a condessa enviara aquele cartão e, ao ver que ele não aparecia, dizia entre si, com mal contido prazer: "Ele ainda me ama!" Apesar disso, era uma mulher angelicamente pura e casta como a neve dos mais excelsos cumes do Himalaia.

- Sua história prova-me que qualquer esperança de sua parte seria quimérica, pois a condessa jamais correspondera ao seu amor, - sentenciou o médico. - Mas existem poderes ocultos que a ciência moderna desconhece, e dos quais se conserva a tradição nesses estranhos países chamados bárbaros por uma ignorante civilização. Aqueles sábios, que possuem visões estranhas e que sequeem de êxtase em êxtase as ondulações que deixam as eras desaparecidas sobre o oceano da eternidade, percorrem o infinito em todas as direções, assistem à criação dos universos, à gênese dos deuses e às suas metamorfoses. São tidos por loucos, mas são quase deuses!

Otávio ouvia, perplexo. Que conexão poderia haver entre os sábios hindus e sua paixão pela condessa? O doutor lia-lhe o pensamento, e prosseguiu: Paciência, meu caro senhor. Vai ver que não me entrego a digressões inúteis. Farto de interrogar cadáveres, que não me respondiam, nas frias pedras do necrotério, concebi um projeto, tão ousado quanto o de Prometeu, que escalou o céu para roubar o fogo: o pensamento de chegar até à alma, surpreendê-la, analisa-la e seccioná-la. Abandonei a ciência materialista, cuja vacuidade eu sentira.

Tentei o hipnotismo, catalepsia, sonambulismo, tudo foi por

mim observado. Estudei os arcanos gregos, hebraicos, egípcios, mas meu sonho científico não estava concretizado. A alma me fugia sempre: entre mim e ela, permanecia um véu tênue de carne, que eu era incapaz de remover. parti para a Índia, buscando encontrar a chave do enigma.

Aprendi o sânscrito, conversei com os brâmanes, decifrei as esculturas simbólicas e os emblemas dos deuses híbridos e exuberantes como a própria natureza da Índia. Meditei sobre o círculo de Brama, de Visnu, a cobra de Siva, e todas essas figuras monstruosas me diziam, em sua linguagem de pedra: "Não somos mais que formas, o espírito agita a matéria".

"E, após tantos anos de pesquisas, encontrei, junto a um velho e santo sacerdote, Brama-Logum, o que eu tanto procurava: conseguir destacar a alma do corpo! Visnu, o deus das dez encarnações, revelara-lhe a palavra misteriosa, que lhe guiara as várias formas, em seus, Avatares.

E agora, meu caro senhor, se assim me aprovesse, após fazer os gestos rituais, eu pronunciasse aquela palavra, a=alma iria habitar o corpo do homem ou do animal que eu lhe designasse. Só eu possuo, no mundo, este segredo!

- Que está dizendo, doutor? - exclamou Otávio, assustado.
- Quero dizer que a condessa Prascóvia seria demasiado sábia se conseguisse reconhecer a alma de Otávio de. Savifiorio corpo de Olaf Labinski...

O doutor Baltasar Cherbonneau estava em seu misterioso e exótico consultório, sempre imerso em suas lucubrações - Nos cantos, viam-se os mais fantásticos ídolos de todas as religiões, e obras de pintores famosos, representando os nove Avatares cumpridos por Visnu, em peixe, tartaru-

ga, porco, leão de cabeça humana, anão brâmane, rã, herói combatendo gigantes, menino prodígio, em que certos sonhadores vêem um Cristo hindu, e, no meio da via-láctea, esperando sua última encarnação em cavalo branco alado, cujos coices irão provocar o fim do universo.

O conde Olaf Labinski ouvira falar nos milagres operados pelo médico, e sua curiosidade semi incrédula despertara. As raças eslavas possuem uma tendência inata para o sobrenatural. Quando ele penetrou no gabinete, sentiu sufocar-se de calor, todo o sangue lhe afluiu às têmporas, os ouvidos zumbiram, mas bastou o médico traçar umas fórmulas mágicas no espaço e a temperatura se tornou agradável.

- Está melhor, agora, senhor conde? Seus pulmões, habituados às brisas do Báltico, devem sofrer, neste ambiente calidíssimo, mas no qual eu tremo de frio. Certamente, o senhor já ouviu falar em meus jogos de prestidigitação e deseja pôr à prova minha habilidade...

- Não, senhor, minha curiosidade não é assim tão frívola; respeito a ciência.

- Não sou um cientista, no sentido que aqui dão a essa palavra. Apenas, estudei as potências ocultas, espreito a alma. O espírito é tudo, a matéria não existe, o universo talvez não passe de um sonho de Deus. O senhor já deve ter ouvido falar no espelho mágico, onde Mefistófeles fez o doutor Fausto ver a imagem de Helena. Queira curvar-se sobre essa inocente taça de água, e pense intensamente na pessoa que deseja ver. Viva ou morta, próxima ou distante, ela atenderá ao seu apelo, do outro lado do mundo ou da profundidade da História!

O conde inclinou-se sobre a taça, e logo viu a água turvar-

se e um círculo, irisado por todas as cores do prisma, se espalhou pelas orlas do vaso, emoldurando o quadro que se esboçava sob a nuvem alvacentas. Logo a névoa se dissipou. Uma jovem senhora, de olhos verde-mar e cabelos de ouro, sentada ao piano, que, em trajes de casa, passava suas mãos distraídas por sobre o teclado, desenha-se na água, que se tornara transparente; era Prascóvia Labinski, que, ignara de tudo, atendia à apaixonada invocação do marido.

- E, agora, passemos para algo mais curioso - disse o médico, apanhando a mão do conde e pousando-a numa das varetas de aço que estavam sobre a mesa.

Mal tocou o metal carregado de fulgurante magnetismo, caiu como se fora atingido por um raio. Baltasar Cherbonneau recebeu-o nos braços, levantou-o qual uma pluma e colocou-o num divã. Em seguida, chamou o criado e disse:

- Mande entrar o Senhor Otávio de Saville.

Quando Otávio - viu o conde Olaf Labinski estendido, imóvel, pensou logo num assassinio, e emudeceu de horror, mas, após um exame mais atento, percebeu que o homem apenas estava adormecido.

Otávio, perturbado pela estranheza das coisas, nada respondia; continuava a fitar Olaf, que jazia com sua nobre figura, qual uma efígie desses cavaleiros que se vêem nas sepulturas góticas. Sentia um vago remorso só em pensar que em breve iria furtar-lhe o corpo. O médico, ao vê-lo assim pensativo, sorriu com desdém, e preveniu-o:

- Se não estiver firme em sua convicção, posso reanimar o conde, mas, pense bem, ocasião como esta talvez nunca

mais se apresente. Todavia, por muito que seu amor me comova e por mais vivo que seja meu desejo de realizar uma experiência nunca tentada na Europa, não devo ocultar-lhe que essa permuta de almas tem seus perigos. Interrogue bem seu coração. Está disposto a arriscar francamente sua vida nesta suprema cartada?

- Estou pronto - foi a simples resposta.

- Está bem, rapaz - exclamou o médico, esfregando as mãos mornas e secas, com grande rapidez, à maneira dos selvagens quando acendem o fogo. - Essa paixão, que nada faz recuar, agrada-me. Ali, meu velho Brama-Logum. você vai ver, do fundo dos céus da Índia, que não me ensinou em vão a palavra mágica!

"Sente-se nessa poltrona, à minha frente, e confie em mim. Olhos nos olhos, mãos nas mãos... O encantamento já está agindo... as noções do tempo e do espaço desaparecem, a consciência do eu se evola, as pálpebras se fecham, os músculos não recebem mais ordens do cérebro, relaxam-se; o pensamento se embota, todos os delicados fios que prendem a alma se soltam. Brama, em seu ovo de ouro, onde sonhou durante dez mil anos, não estava mais separado das coisas exteriores. Saturemo-lo de eflúvios, inundemo-lo de raios... - e o médico, ao murmurar essas frases, não parava de traçar círculos mágicos, de seus dedos brotavam faíscas luminosas, que iam atingir - testa e o coração do paciente, em redor do qual se formava, aos poucos, uma áurea visível e fosforescente.

Isto feito, envergou com solenidade um roupão de linho, lavou as mãos em água perfumada, apanhou de diferentes caixas certos pós, com que traço, nas faces e na testa do moço, sinais hieráticos, cingiu nos braços o cordão brâmane, leu alguns poemas sagrados, abriu totalmente as bocas

dos aquecedores e logo a atmosfera se tornou tórrida, insuportável.

- É necessário que estas duas centelhas de fogo divino, que agora irão encontrar-se nuas e despojadas de seu invólucro mortal por alguns segundos, não venham a empalidecer-se e apagar-se em nossa atmosfera glacial - murmurou o médico, olhando para o termômetro, que marcava 1209 Fahrenheit.

Entre aqueles dois corpos mortos, Cherbonneau, em suas brancas vestes, parecia o sacerdote daquelas religiões sanguinárias, que atiravam corpos humanos nas fogueiras de seus deuses. Aproximou-se do conde Olaf, que jazia imóvel, e pronunciou a inefável sílaba, que depois repetiu sobre Otávio, imerso em sono profundo. Ninguém reconheceria naquela figura hoffiniana, que exercitava aquele sinistro ritual, o médico de pouco antes.

Aconteceram, então, coisas estranhas. Otávio de Saville e Olaf Labinski foram tomados, simultaneamente, uma convulsão quase afônica: seus rostos se decomuseram, leve espuma subiu-lhes aos lábios, a tez se lhes cobriu de mortal palidez, ao passo que duas chamazinhas azuis e tênues cintilavam, trêmulas, sobre suas cabeças. A um gesto fulmíneo do médico, que traçava o caminho que elas deviam seguir, no ar, as duas faúlhas fosforescentes moveram-se, deixando atrás de si um sulco luminoso, indo para suas novas moradas; a alma de Otávio ocupou o corpo do conde e, a deste, o corpo de Olaf. O avatar fora cumprido!

Um leve rubor indicava que a vida já reentrara naquelas figuras de argila, tornadas exânicas por alguns segundos e das quais o Anjo Negro não tardaria a apossar-se, sem o poder do médico, cujas pupilas flamejavam de triunfo.

- Médicos e cientistas de todas as eras, um humilde faquir sabe mil vezes mais que vocês! Que importa o ,cadáver, quando se governa o espírito? Agora, despertemo-los.

E, após um singular bailado, sacudindo os dedos a todo instante, o estranho personagem fez Otávio Labinski (assim chamaremos, doravante, o jovem francês) despertar e sentar-se. Otávio passou as mãos pelos olhos e olhou em redor de si, atonitamente, pois sua consciência ainda estava adormecida. Quando recobrou a lucidez, a primeira coisa que viu foi seu próprio corpo sobre um divã. Lançou um grito, e aquela voz, que não era mais a sua, aterrhorizou-o.

- Então, que lhe parece sua nova residência? - interrogou Cherbonneau, depois de gozar bastante com o espanto do moço. - Não deseja mais morrer? Agora, as portas do palácio Labinski estão abertas para o senhor.

- Doutor... o senhor possui o poder de um Deus. . ou de um demônio...

- Oh, não tenha medo, não lhe farei assinar nenhum pacto infernal! Nada mais simples, o que aqui ocorreu. O Verbo, que criou a luz, pode mudar uma alma de lugar.

- Como pagar este inestimável serviço, doutor?

- Nada me deve. Seu caso me interessava. Revelou-me o verdadeiro amor. Ande, levante-se, caminhe, veja SC seu invólucro não o embarça!

Otávio Labinski obedeceu, deu alguns passos. Embora a alma fosse outra, o corpo do conde conservava o impulso de seus hábitos antigos e o hóspede recente entregou-se àquelas recordações físicas, gostando de tomar o porte, o andar, os gestos do proprietário expulso.

- Se não tivesse eu mesmo efetuado essa troca de almas, não acreditaria

- comentou o médico, cheio de orgulho. - Mas, é quase meia-noite, vá para junto de Prascóvia Labinski, antes que ela o censure pela demora. Não comece sua vida conjugal com discussões, seria de mau augúrio.

Otávio Labinski reconheceu a justeza das ponderações e retirou-se logo. Aos pés da escadaria de entrada, estava uma riquíssima carruagem. Otávio entrou e deu ordem ao cocheiro para seguir rumo ao palácio.

Aquela imponente mansão impressionou-o, a principio, pois mil pensamentos lhe turbilhonavam na mente. E não era para menos, pois ignorava os labirintos internos e os hábitos do conde. Ao chegar ao salão, puxou o cordão de uma campainha; surgiu uma camareira, que lhe disse:

- A Senhora. está à sua espera.

Olaf de Saville (assim ficará sendo chamado, agora) saiu qual um fantasma dos limbos do profundo sono, tendo a impressão de haver sofrido um doloroso pesadelo. Os espetáculos estranhos a que assistira, antes de adormecer, aquele recinto abafado, repleto de figuras estranhas e tetricas, tudo o assustava. A sua frente, porém, se encontrava Baltasar Cherbonneau, sorrindo, bonachão.

- Está satisfeito, o senhor conde, com minhas experiências? Agora, acreditará que o magnetismo não é um jogo de prestidigitação, como dizem os cientistas!

Olaf de Saville acenou afirmativamente e apressou-se em sair. Estranhou, na verdade, a voz do cocheiro, que não

tinha sotaque húngaro. Seu espírito ainda se debatia nas estranhas cenas a que presenciara e caiu numa espécie de modorra, despertando somente quando o carro parou. Isso o trouxe novamente a si. Baixou o vidro, olhou para fora e viu uma rua desconhecida, uma casa que não era a sua.

- Onde me trouxe ? Este não é o palácio Labinski!

- Perdão, senhor, - murmurou o cocheiro - não entendi bem.

- Imbecil, você deve estar bêbado ou louco! - berrou Olaf de Saville, empurrando o homem.

- Bêbado ou louco deve estar o senhor - retrucou o cocheiro.

- Caie-se, animal, bandido! Saia daqui, antes que suje minhas mãos no sangue ignóbil de um laçao! É trata seu amo, o Senhor de Labinski?

Aos primeiros gritos, acorrera a criadagem, e um dos fâmulos adiantou-se e disse:

- Já que o senhor pretende ser o Conde Labinski, olhe para cima e veja-o descer as escadas.

Um suor frio banhou as têmporas de Olaf de Saville. jovem elegante, de rosto oval, olhos negros, nariz e os bigodes louros, o qual não era outro senão um espectro modelado pelo diabo, dirigiu-se a ele numa atitude fria e altiva.

- Senhor, pare de insultar os criados. Se deseja falar o conde Labinski ele o receberá do meio-dia às duas. A condessa recebe, às quintas-feiras, as pessoas que tiveram a honra de ser-lhe apresentadas.

Dito isto. o falso conde retirou-se tranqüilamente, ao - que

Olaf de Saville era levado para dentro da casa, desmaiado.

Quando recuperou os sentidos, jazia numa cama que não era a dele, num quarto desconhecido, e junto a si estava Uni criado estranho, que lhe segurava a cabeça e dava-lhe - Para cheirar.

- O senhor está melhor? - perguntou julgando estar falando com Otávio.

- Sim, mas deixe-me só.

O criado acendeu a luz dos candelabros e saiu. Olaf de Saville foi até o espelho, onde viu a imagem de um moço de cabelos negros e bastos, olhos de um azul escuro, ave, Pálido, melancólico, ornado por uma barbicha 0- que olhava para ele com ar espantado.

A princípio, por que fosse brincadeira de algum amigo. Passou a mão por trás de si mas nada encontrou. Notou que suas mãos eram mais compridas e que, no anular direito, havia um anel com um brasão baronal. Nunca tinha visto aquela jóia. Pôs a mão no bolso e encontrou alguns cartões de visita, com este nome: Otávio de Saville. Uma completa transformação se operara nele, sem que o soubesse. Algum mago, ou demônio, roubara-lhe a personalidade, deixando-lhe somente a alma. E o pior é que não poderia fazer valer seus direitos de conde Labinski, pois passaria por louco ou impostor, sua própria esposa o repeliria. Uma idéia atroz picou-lhe o coração!

- Mas esse conde fictício, a estas horas, em forma de vampiro, habita meu palácio, está pondo seu pé de cabra no recinto sagrado de Prascóvia, e esta lhe sorri e se entrega a ele.

O sangue subia-lhe à cabeça, qual fogo ardente; gritava, mordida os punhos, vagava pelo quarto como fera enjaulada. Estava prestes a enlouquecer. Afinal, readquiriu a calma e mergulhou a cabeça n'água, dizendo a si mesmo que aquilo talvez não passasse de uma brincadeira de mau gosto daquele feiticeiro negro. Atirou-se à cama e mergulhou num sono pesado, opaco, semelhante à morte.

O conde abriu os olhos e lançou em torno de si um olhar indagador. Viu um quarto bem mobiliado, onde abundavam cortinas e bibelôs, mas que em nada se parecia com o do palácio em que vivera até então. João aproximou-se.

- O senhor vai levantar-se? - perguntou o servo, apresentando ao amo o traje que Otávio costumava usar pela manhã.

Embora lhe repugnasse vestir a roupa de um estranho, o conde vestiu-a e, a outra pergunta de João, respondeu que desejava o almoço à hora de sempre. Depois, abriu a correspondência, revistou as gavetas, e convenceu-se de que Otávio de Saville existia mesmo, que não era nenhum fantasma. Recebeu a visita do Senhor. Alfredo Humbert, que, após achá-lo algo abatido, convidou-o para uma ceia, à noite. A tristeza do conde ia aumentando gradativamente. João, o criado, tomara-o pelo patrão, os amigos de Otávio também, mas faltava a derradeira prova. A porta abriu-se, e entrou uma senhora de cabelos grisalhos, muito da com o retrato que se via numa das paredes da sala de estar.

- Como vai o meu querido filho? - perguntou ela, sentando-se no divã. - João disse-me que você ontem chegou muito tarde, num estado de debilidade que até assustava. Cuidado, meu filho, sabe quanto o amo, apesar do desgosto que me dá em não querer confiar-me suas penas.

- Não se impressione, mamãe, estou bem melhor, hoje.

A boa senhora, tranqüilizada, levantou-se e saiu, pois sabia quanto seu filho amava ficar só.

- Eis-me, então definitivamente, Otávio de Savilie! - desabafou o conde, quando a Senhora de Saville se retirou. - Ninguém reconheceu minha alma neste invólucro. Mas saberei fugir desta túnica de Nesso! E porque não posso voltar ao meu palácio. Vamos ver o que há nesta carteira...

Ao abrir a carteira, encontrada no bolso, seu espanto argumentou. Como se encontrava ali o retrato de sua esposa? Aquela Prascóvia, tão religiosamente amada, teria descido de seu pedestal para entregar-se a outro? Sentia que a luz da - estava prestes a deixá-lo-ei, louco de dor e desespero. foi lendo algumas frases que constavam de várias M" que acompanhavam o retrato, de traços incertos, talvez desenhado de memória.

Jamais ela me amará... li a sentença de morte em meigo olhar... Que infeliz sou eu... Não posso de só em pensar em Prascóvia... Se adormeço, ela me surge, em sonhos, mais bela que nunca... Ouço espectro invisíveis oficiando a missa fúnebre de meu coração morto. Ela no paraíso e eu no inferno... Oh, como é aquele estrangeiro. Que sublime vida anterior houve nele para Deus recompensá-lo desta forma?

Inútil seria ler mais. Estava claro que Prascóvia se conservara fiel. Otávio de Saville devia ter feito algum pacto com o demônio, para roubar-lhe o amor de Prascóvia o maneira. A lembrança do demo sugeriu-lhe uma visita ao doutor Baltasar Cherbonneau.

O estranho médico estava, como sempre, sentado, de per-

nas cruzadas, sobre o tapete, segurando um pé, embebido em suas meditações, alheio às coisas deste mundo. Ao ouvir passos, levantou a cabeça.

- Oh, é o senhor, meu caro Otávio? Bom sinal quando o doente vem visitar o médico.

- Sabe muito bem que não sou Otávio, mas sim o conde Olaf Labinski, porque ontem, nesta mesma sala, o senhor roubou-me o corpo, mediante suas exóticas bruxarias! - retrucou o conde, cego de raiva.

O médico prorrompeu numa gargalhada convulsa, de- pois disse, secamente:

- Estou vendo que preciso mudar de tratamento, pois a sua melancolia está-se transformando em loucura.

- Não sei o que me contém que o não estrangule, médico do inferno!

Cherbonneau, sorrindo, tocou-lhe o braço com uma varinha. Olaf de Saville recebeu tamanho choque que lhe pareceu ter partido o braço.

- Oh, nós temos meios de reduzir à impotência os doentes recalcitrantes - disse o médico, lançando no moço um olhar gelado como as duchas que domam os loucos. - Vá para casa e tome um banho para acalmar sua super- excitação.

O conde, atordoado pelo choque elétrico, foi procurar o doutor B., em Passy.

- Encontro-me presa de forte alucinação - disse-lhe.

Quando olho para o espelho, meu rosto me parece com traços diferentes... tenho a impressão de não ser mais eu

Mesmo.

- Em que aspecto se vê? O engano pode ser dos olhos ou do cérebro.

- Vejo-me com cabelos negros, olhos azuis, rosto pálido e barba negra.

- É o que o senhor é na realidade.

- Então, que devo fazer? Não estou louco, tenho certeza. Sou o conde Olaf Labinski. mas, desde ontem, me chamam Otávio de Saville.

- É exatamente o que penso. Q senhor é Saville e julga-se Labinski. Venha passar quinze dias em minha clínica. Os banhos, o repouso, o convívio com a natureza, dissiparão esses fluidos. .

O conde agradeceu e prometeu voltar. Não sabia mais que pensar de seu caso. Ao reentrar em seu quarto, viu casualmente o convite da condessa Labinski.

- Com este talismã, - murmurou - poderei vê-la amanhã.

Enquanto o conde vivia as torturas do inferno, Otávio de Labinski se encontrava no paraíso terrestre. Seguiu-se e penetrou no recesso de sua deusa. junto à janela, num delicioso abandono, cabelos soltos pelos ombros, radiante de viço e beleza, esperava-o Prascóvia Labinski, numa visão de sonho! Naquela displicência, era ainda mais bela do que em Florença. Se Otávio não estivesse já louco de amor, teria ensandecido ali.

A angústia saía-lhe à garganta, emudecendo-o. Mas reagiu e adiantavam-se, a passos resolutos.

- Ah, é você, Olaf? Veio muito tarde, esta noite! exclamou ela, sem voltar-se, pois a camareira estava ajeitando-lhe as tranças.

- Otávio Labinski apanhou a mão suave como uma flor, que ela lhe estendia, e imprimiu-lhe um beijo ardente, onde todo o fervor de sua alma.

Não sabemos que instinto de divino pudor, que irracional intuição lhe brotou do coração, mas a mulher retirou logo a mão, entre pejada e indignada. Os lábios de Otávio haviam produzido a sensação de ferro em brasa. Entretanto, logo reagiu e sorriu de sua própria puerilidade. - Você não me responde, caro Olaf. Sabe que já fui - de seis horas que o não vejo? - disse,- Nunca me abandonou tanto assim. Pensou em, ao menos?

- Sempre - respondeu o moço (e era verdade). Oh, não! Eu sei quando você pensa deveras em mim. Esta noite, por exemplo, quando eu estava ao piano, percebi sua alma voejar perto de mim. Por isso, não minta, pois eu adivinho seus pensamentos.

Prascóvia, com certeza, referia-se ao instante em que Olaf lhe evocara a imagem, no laboratório do médico.

Após a saída da camareira, Otávio Labinski ali permaneceu, seguindo os movimentos de Prascóvia, com olhos acesos. Perturbada, abrasada por aquele olhar, ela envolveu-se em um peignoir, de onde se via somente sua encantadora cabeça, ainda desnorteada pela expressão que lia nos olhos do marido, que, ela lembrava, sempre tinham sido calmos, suaves, inocentes como os dos anjos.

Agora, uma paixão terrestre incendiava aquelas pupilas. E

mil hipóteses lhe atravessaram o pensamento. Seria ela, agora, para Olaf, nada mais que uma mulher vulgar, uma cortesã, desejada apenas pela sua beleza? A sublime harmonia de suas almas ter-se-ia rompido? A corrupção de Paris teria afetado aquele coração, que fora sempre tão casto? Um misterioso pavor a possuía, como se estivesse ante um perigoso desconhecido.

Levantou-se, agitada, nervosa, e correu para seu quarto. Otávio Labinski seguiu-a e cingiu-lhe a cintura, tal como vira Otelo fazer com Desdêmona. Mas, quando chegaram à porta, Prascóvia virou-se, parou um instante, lançou no moço um olhar de terror, depois entrou e fechou violentamente, a chave.

- O olhar de Otávio! - murmurou, caindo, semi desfalecida, numa poltrona.

Quando se reanimou, disse entre si: "Como pude ver aquele olhar nos olhos de meu marido? No entanto, eu o vi, havia neles aquela chama sombria e desesperada... Teria Otávio morrido? Seria um último adeus de sua alma, antes de deixar este mundo? Olaf, Olaf, perdoe-me se cedi loucamente a vãos temores! Mas, se o recebesse esta noite, estaria certa de entregar-me a outro. "

Deitou-se, mas a noite toda foi presa de pesadelos, de sentimentos de angústia, e somente ao amanhecer conseguiu adormecer. Sempre aqueles olhos ardentes a lançar-lhe jactos de fogo. O conde Olaf também lhe apareceu, mas era um sonho absurdo, o marido estava revestido de uma forma estranha.

Não tentaremos descrever a desilusão de Otávio ao dar com a cara na porta. Sua suprema esperança desmoronava-se! Recorrera às potências infernais, arriscando sua vida

neste mundo e a própria salvação eterna no outro, para conquistar uma mulher, que, afinal, lhe fugia das mãos. Fora repellido como amante e agora o era, também, como marido. A soleira do quarto nupcial, ela lhe aparecera qual um anjo fulminando o espírito do mal.

Todavia, não podia permanecer a noite inteira ali, naquela ridícula condição. Procurou o quarto do conde e caiu no leito, esgotado de tantas emoções que sofrera durante o dia, amaldiçoando o doutor Baltasar Cherbonneau.

Acordou bem disposto. O criado ajudou-o a vestir-se. E foi a passos tranquilos que Otávio Labinski seguiu o camareiro, pois não sabia onde ficava a sala de refeições. Admirou, de passagem, as armas e os quadros, as várias manifestações de luxo e esplendor que reinavam no suntuoso palácio. A mesa estava posta à moda russa. Flores, riquíssima baixela, e dois criados de libré, aos lados, imóveis quais estátuas.

Mal sentara, quando ouviu um passo leve deslizar pelo tapete. Um breve roçar de sedas fê-lo voltar a cabeça para trás. Era a condessa Labinski, que entrava.

Após um sinal amistoso, ela sentou-se também. Vestia um penteador de tafetá quadriculado, em verde e branco, mas seus cabelos de ouro, enrolados em vistosas tranças, davam-lhe o aspecto nobre de uma escultura grega. Parecia um pouco pálida e uma auréola mal perceptível lhe circundava os lindos olhos, incutindo-lhe um ar lânguido e cansado. Sua beleza, porém, assim, era mais penetrante, tinha algo de humano, a deusa se tornava mulher. Otávio moderou o ardor de suas pupilas, disfarçou seu mudo êxtase com a máscara da indiferença.

A condessa, sacudindo levemente os ombros, como que

desejando repelir um último calafrio de febre, fixou os belos olhos naquele homem que julgava seu marido, e, com voz harmoniosa e meiga, plena de carícias, disse-lhe uma frase em polonês. Em Florença, ela. Lhe falara sempre CM francês ou italiano. A idéia de aprender o idioma de Mckiewicz nunca lhe ocorrera.

- Sim, - respondeu o verdadeiro Saville - está louco de amor! Positivamente, condessa Prascóvia, você é demasiado bela!

Duas horas depois dessa cena, o falso conde recebeu uma carta, com o sinete de Otávio de Saville. Continha poucas linhas, que denotavam grande nervosismo de parte de quem as escrevera:

- Lida por qualquer outra pessoa, esta carta poderia parecer vinda do manicômio, mas o senhor me compreende. Circunstâncias jamais vistas no mundo obrigam-me a escrever a mim mesmo. De que tenebrosas maquinações eu tenha sido vítima, ignoro-o, mas o senhor deve saber. E este segredo, se o senhor não for um covarde, vai perguntar-lhe na ponta do cano de minha pistola. Um de nós dois deve morrer, amanhã. Este vasto mundo é pequeno para conter-nos a ambos. Eu matarei meu corpo, habitado pelo seu espírito impostor, ou o senhor matará o seu, onde minha alma se revolta por estar ali presa. Não tente fazer-me passar por louco, pois, onde eu o encontrar, o insultarei. As minhas testemunhas irão entender-se consigo, quanto à hora, o local e as condições.

Tal desafio deixou Olaf de Saville perplexo. Repugnava-lhe bater-se contra si mesmo; ante ser insultado publicamente, resolveu aceitar o duelo. Mas, onde ir buscar suas testemunhas? Apanhou dois cartões de visita, ao acaso. Eram todos de nobres estrangeiros, o que atestava a vida nômade

de Olaf, que tinha amigos em todos os países. Apanhou dois, sem escolher. Eram do Marquês de Sepúlveda e do conde Zamoiecki. Ambos aceitaram a missão.

De sua parte, o falso Otávio também esbarrava com dificuldades, mas, usando a mesma tática do rival, escolheu Alfredo Humbert e Gustavo Raimbaud, embora estes estranhassem tal atitude num homem que fazia um ano que vivia recluso.

Quando tudo ficou estabelecido, era quase meia-noite. Otávio bateu de leve à porta do quarto da esposa, que recusou recebê-lo, aconselhando-o a voltar depois de reaprender a língua - polonesa.

Na manhã seguinte, o doutor Cherbonneau - veio buscá-lo, em companhia das testemunhas. Subiram ambos num carro, enquanto o conde e o marques seguiam num cupê.

- Então, meu caro Otávio, a aventura virou tragédia? - disse o médico - Eu devia ter deixado o conde dormir uma semana, em meu divã. Mas, sempre nos esquecemos de algo... E agora, conte-me como a condessa Prascóvia recebeu seu apaixonado de Florença, em sua transfiguração.

- Creio que me reconheceu, apesar da metamorfose, ou seu anjo da guarda lhe murmurou algo ao ouvido. Encontrei-a casta e pura como a neve polar. Sinto-me ainda mais infeliz de quando a visitei pela primeira vez.

- Quem poderá assinalar os limites da alma? - murmurou o médico, pensativo - Ainda mais quando ela se conserva incontaminada pelo barro humano, tal qual saiu das mãos de Deus, na luz, na contemplação do amor. Sim, ela o reconheceu, seu instinto a protege. Tenho pena de si, pobre Otávio, pois seu mal é realmente sem cura. Se estivéssemos na Idade Média, eu lhe aconselharia o claustro.

- Já pensei nisso.

Tinham chegado. Aquela hora matutina, o bosque apresentava um aspecto pitoresco, mas a poesia da natureza, em toda a beleza do seu despertar, pouco impressionou os dois adversários e suas testemunhas. A vista do doutor Cherbonneau causou desagradável impressão no conde Labinski, que soube, porém, dominar-se.

Mediram as espadas e designaram os lugares dos combatentes, que, em mangas de camisa, puseram-se em posição de guarda, ponta contra ponta.

- Vamos, senhores! - gritaram as testemunhas.

O duelo começou, mas suas condições eram sobremaneira estranhas para os adversários, que tinham à sua frente, cada qual, o próprio corpo. Surgiram vários ataques de parte a parte, bem contidos. O conde, graças à sua educação, era ótimo esgrimista, mas não contava com um braço firme para obedecer-lhe. Otávio, ao contrário, no corpo, do conde, sentia um vigor que jamais possuía.

Olaf lançava golpes ousados, porém Otávio, mais frio e mais calmo, inutilizava-lhe os esforços. A cólera começava a apoderar-se do conde, que desejava, a todo custo, matar aquele corpo impostor, mesmo ao preço de permanecer para sempre Otávio de Saville. Sem meditar no perigo, tentou, num só golpe, atravessar o corpo e a alma do rival, mas este conseguiu desarmá-lo, atirando-lhe a espada distante.

A vida do marido de Prascóvia ficou à mercê de Otávio, que, longe de aproveitar-se dá oportunidade, também lançou fora sua espada, e, fazendo um sinal às testemunhas,

foi até o conde, que ficara atônito, e levou-o para dentro da mata.

- Por que não me matou? - indagou o conde lá sabe muito bem que o sol não deve projetar nossas duas sombras na arena e que a terra deverá tragar um de nós.

- Ouça-me com paciência - retrucou Otávio - Sua felicidade está em minhas mãos. Eu posso guardar para sempre este corpo, que lhe pertence. Se recomeçarmos a luta, eu o matarei. O conde Olaf Labinski é mais forte do que Otávio de Saville, que o senhor encarna. Sentirei muito em matá-lo, só em pensar a dor que causaria a minha mãe. Além disso, já deve saber que, durante três anos, morri de amores pela condessa Labinski, sem esperança alguma.

- Sim, eu sei... - respondeu Olaf, mordendo os lábios de ódio.

- Pois bem, para chegar até ela, recorri ao doutor Cherbonneau, que realizou, por mim, uma obra prodigiosa, um milagre de estarrecer todos os taumaturgos do mundo. Após adormecer a ambos, trocou-nos as almas. Milagre inútil! Prascóvia não me ama. No corpo do esposo, reconheceu a alma do amante.

Otávio falava com tamanho poder de convicção, e de suas palavras transparecia tanta mágoa, que o conde ficou comovido e acreditou no que dizia.

- Sou um homem enamorado, mas nunca um ladrão - acrescentou o moço - já que aquilo que mais desejo na terra não pode pertencer-me, não sei por que continuar de posse do que é seu. Vamos, dê-me o braço, mostremos reconciliados, agradeçamos às testemunhas, levemos conosco o medico e retornemos ao laboratório mágico de onde saímos transfigurados. O velho brâmane saberá bem

desmanchar o que fez.

Sustentando ainda seu papel de conde Labinski, Otávio disse às testemunhas:

- Senhores, meu adversário e eu nos reconciliamos. Nada para esclarecer bem as idéias como cruzar espadas.

Durante o percurso do Bois de Boulogne para a casa do médico, Otávio perguntou a este:

- Caro doutor, vou pôr à prova mais uma vez sua ciência. Precisa reintegrar nossas almas em seus respectivos domicílios naturais. Não lhe será difícil, dado seu poder sobrenatural.

- A operação, desta vez, será mais fácil - concordou Cherbonneau. - Os imperceptíveis filamentos que ligam a alma ao corpo ainda não tiveram tempo de se reajustarem. O senhor conde saberá perdoar a um pobre cientista, que não resistiu ao desejo de realizar uma difícil experiência. Considerem esta metamorfose apenas como um sonho e talvez, mais tarde, vocês me agradecerão por terem sentido a estranha sensação de terem sido alma de dois corpos. A metamorfose é uma ciência antiga, mas, antes de praticá-la, as almas devem beber da taça do esquecimento, pois nem todos podem, como Pitágoras, se recordarem de haver assistido à guerra de Tróia.

- O benefício de restituir-me a individualidade equivale ao dano de haver-me expropriado dela - respondeu gentilmente o conde - Não quero que o Senhor de Saville leve a mal estas palavras, porém.

Otávio sorriu, mas pensava em suas esperanças frustradas, na sua derrota, e sentia que os liames da vida se lhe haviam novamente partido. Não desejava infligir a sua boa

mãe a desolação de seu suicídio e procurava um meio de morrer tacitamente. Alma obscuramente sublime, sabia somente amar ou morrer.

Ao chegarem, o médico conduziu ambos para o recinto fora efetuada a primeira transformação. Girou o disco da máquina elétrica, agitou as varetas, abriu as bocas do aquecedor, para aumentar a temperatura, leu algumas linhas dos exóticos papiros e, dali a minutos, disse aos dois jovens:

- Senhores, estou pronto! Podemos começar?

Enquanto procedia aos preparativos, perturbadoras reflexões assaltavam o cérebro do conde.

- Quando eu adormecer, que fará de minha alma, esse velho macaco? Não será um novo ardil? Contudo, a situação não pudera ser pior do que esta. Otávio podia ter-me morto, e ninguém o acusaria. Pensemos em Prascóvia, e nada de falsos temores. Tentemos a única solução para reconquistar minha esposa.

Olaf também segurou a vareta que Cherbonneau lhe apresentava. Fulminados pelos condutores metálicos repletos de fluidos magnéticos, os dois caíram num torpor tão profundo que qualquer um os tomaria por mortos. O médico cumpriu o ritual, pronunciou as poderosas sílabas e, logo, duas pequenas centelhas surgiram sobre os dois corpos imóveis, numa luz tremeluzente.

Ele reconduziu à sua primitiva morada a alma de Olaf Labinski, a qual obedeceu, com um rápido vôo, ao sinal do magnetizador. Mas, a alma de Otávio de Saville ia-se afastando lentamente do corpo do conde e, ao invés de retornar ao seu próprio, subia, subia, jubilosa de sentir-se livre, relutando em volver à sua prisão. Baltasar Cherbonneau ficou

tomado de infinita piedade por aquela Psique, que se debatia, palpitava hesitante, e perguntou a si mesmo se seria mesmo um benefício deixá-la neste vale de lágrimas. Durante aquele minuto, a alma subia sempre e quando o médico, recordando-se de seu dever, repetiu, com acento misterioso, a palavra mágica e projetou um gesto de comando, a débil luz trêmula já estava fora de sua esfera de ação. Transpôs o vidro superior da janela e desapareceu.

Cherbonneau cessou os esforços agora já inúteis e acordou Olaf. Este, ao ver-se num espelho, em seu verdadeiro invólucro, lançou um grito de alegria. Mal olhou para os despojos de Otávio e saiu correndo, após apertar a mão do médico.

O velho encontrou-se a sós com o cadáver de Otávio.

- Diabos, abri a gaiola e o pássaro fugiu! Deve estar, agora, tão distante deste mundo que nem o próprio Brama o apanharia. E aqui estou eu, com um cadáver nas mãos ... Poderia dissolvê-lo num banho corrosivo, mas, depois ...

E, aqui, uma idéia luminosa brilhou no espírito do médico. Apanhou uma pena e escreveu, velozmente, algumas linhas numa folha de papel, que guardou na gaveta da mesa. Eis o que escrevera:

- Não tendo parentes, nem colaterais, lego todos meus haveres ao Senhor Otávio de SaviI1è, a quem me liga particular afeição, deixando-lhe apenas a obrigação de pagar a quantia de cem mil francos ao hospital brâmane de Ceilão, para animais velhos, cansados ou enfermos, de passar rima renda vitalícia de mil e duzentos francos ao meu servo hindu e ao meu camareiro inglês e de remeter à Biblioteca Mazarina meu manuscrito das leis de Manu.

Este testamento, feito por um vivo a favor de um morto, parece uma das mais bizarras coisas de nossa história, mas logo ela se tornará clara.

O médico tocou o corpo de Otávio de Saville, que o calor da vida ainda não abandonara. Viu, no espelho, seu rosto velho e rugoso, com ar de supremo desdém, e, fazendo em si mesmo o gesto de quem atira fora uma roupa velha, murmurou a fórmula de Brama Logun. Incontinenti, o corpo do doutor Baltasar caiu fulminado no tapete e o de Otávio se levantou, forte, ágil, vivaz.

Otávio Cherbonneau permaneceu algum tempo contemplando seus magros restos mortais, ressequidos, ossudos, lívidos, que, não mais escorados pela alma poderosa onde estiveram até então, exibiam os sinais de uma extrema senilidade e tomaram logo o aspecto cadavérico.

- Adeus, pobre farrapo humano, mísero invólucro que arastei, durante setenta anos, por todas as partes do mundo. Você prestou-me bons serviços e deixo-o com alguma tristeza. Mas, neste jovem envoltório, que minha ciência saberá tornar robusto, ainda poderei trabalhar, estudar, ler mais palavras do grande livro, sem que a morte o feche à página mais atraente, dizendo: Basta!

Depois desta oração fúnebre, dirigida a si próprio, Otávio Cherbonneau saiu tranqüilamente, para ir tomar posse de sua nova residência.

No dia seguinte, revestido de sua nova - aparência, acompanhou seu antigo corpo ao cemitério, viu-se enterrar, ouviu, com ar compungido, muito bem simulado, os discursos que foram pronunciados à beira de sua cova, e nos quais se deplorava a irreparável perda que sofrera a ciên-

cia. Depois, voltou para a Rua São Lázaro, e esperou a abertura do testamento escrito a seu próprio favor.

Nos vespertinos, entre os faits divers, lia-se:

- Odoutor Baltasar Cherbonneau, bastante conhecido pela sua longa permanência na Índia, seus conhecimentos filológicos, suas curas maravilhosas, foi encontrado morto, ontem, em seu gabinete. O exame minucioso do cadáver eliminou inteiramente qualquer suspeita de crime.

O Senhor Cherbonneau sucumbiu, sem dúvida, devido a excessivos trabalhos intelectuais, ou, talvez, por causa de alguma audaz experiência.

Dizem que um testamento ológrafo, descoberto na escrivaninha do médico, deixou à Biblioteca Mazarina preciosos manuscritos e constitui seu herdeiro universal um jovem pertencente a respeitável família: O Senhor O. de S.”.

FIM